

# A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO ALTERNATIVA À FORMAÇÃO REFLEXIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

## THE DISTANCE EDUCATION AS AN ALTERNATIVE TO REFLECTIVE TRAINING IN LEARNING PROCESS

**Luiza Carvalho de Oliveira**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
São Luís, MA, Brasil  
[luiza.ufma@gmail.com](mailto:luiza.ufma@gmail.com)

**João Batista Bottentuit Junior**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
São Luís, MA, Brasil  
[jbj@terra.com.br](mailto:jbj@terra.com.br)

**Resumo.** Este artigo objetiva descrever o papel da midiática do conhecimento e da educação a distância, bem como a importância das mídias e da comunicação dialógica nessa modalidade de ensino-aprendizagem como potencializadoras do desenvolvimento da reflexividade no indivíduo. Para tanto, discute o fenômeno da globalização e suas consequências no processo de constituição das identidades, alterando as formas de pensar e agir dos indivíduos, e exigindo deles uma reflexividade constante; aborda o surgimento da sociedade da informação como um dos elementos constituintes desse fenômeno, e a necessidade de reformulação das instituições educacionais para a constituição de novas identidades, por meio da midiática do conhecimento; apresenta a educação a distância como uma modalidade educacional democrática e democratizadora, apta a atender às necessidades educacionais cotidianas, e potencializadora do desenvolvimento da reflexividade para a formação da autonomia do indivíduo, por meio de sua própria organização e constituição, descrevendo o papel do professor como essencial nesse processo. Utiliza como referencial teórico, além dos Estudos Culturais, presentes nas concepções de Hall e Giddens, autores como Castells, Hack, Freire, Preti, dentre outros, e, por fim, apresenta-se a educação a distância como uma modalidade diferenciada, que potencializa a autonomia e a independência do aluno, uma vez que desenvolve nele a capacidade de reflexividade.

**Palavras-chave:** Educação a distância. Conhecimento. Reflexividade.

**Abstract.** This article aims to describe the role of media of knowledge and distance education, as well as the importance of media and communication in this Dialogic teaching-learning mode as capable to potentialize the development of reflexivity in the individual. To this end, discusses the phenomenon of globalization and its consequences in the process of Constitution of identities, changing the ways of thinking and acting of individuals, and requiring a constant reflexivity; discusses the emergence of the information society as one of the constituent elements of this phenomenon, and the need for reshaping educational institutions for the Constitution of new identities, through the media of knowledge; presents the distance education as a democratic educational mode, able to meet the educational needs every day, eyeshadow and the development of reflexivity for the formation of the autonomy of the individual, through its own organization and Constitution, describing the role of the teacher as essential in this process. Uses as a theoretical framework, in addition to cultural studies, present in the conceptions of Hall and Giddens, authors such as Castells, Hack, Freire, Preti, among others, and, finally, presents the distance education as a differentiated modality, that enhances the autonomy and the independence of the student, once it develops the capacity of reflexivity.

**Keywords:** Distance education. Knowledge. Reflexivity.



## INTRODUÇÃO

As inovações tecnológicas provocaram um impacto sem precedentes em nossa sociedade, na segunda metade do século XX, que se tornou a base para a consolidação de uma sociedade informacional. Assim, a “sociedade da informação<sup>1</sup>” é a consequência da explosão Informacional, caracterizada, sobretudo, pela aceleração dos processos de produção e de disseminação da informação e do conhecimento, inserida num fenômeno maior, que é o da globalização. Esta sociedade caracteriza-se pelo elevado número de atividades produtivas que dependem da gestão de fluxos informacionais, aliado ao uso intenso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Rodrigues, Oliveira e Freitas (2001, p.99), declaram que, na sociedade da informação:

A informação passa a ter valor econômico tal, que permite qualificar e quantificar as sociedades, conforme o seu acesso à informação e seu uso. Assim, percebe-se na sociedade da informação uma mudança ocupacional, com o predomínio de funções e cargos na área da informação, cuja ênfase reside nas redes que conectam as localidades, o que desencadeia nova ordem conceitual de espaço e tempo. Consequentemente, os fatores culturais sofrem transformações visíveis nas vivências cotidianas, pelo aumento da circularidade da informação, da influência da mídia e da profusão de significados simbólicos que envolvem o indivíduo (RODRIGUES, OLIVEIRA e FREITAS, 2001, p.99).

Acerca disso, Castells (1999) afirma que, atualmente, nossa sociedade está se estruturando em oposição bipolar entre a *rede* e o *ser*. E, nesse contexto, marcado pela reestruturação das organizações sociais em todos os níveis, a identidade surge como fonte de significado. Portanto, definir a própria identidade, se compreender como *ser no mundo* torna-se um objetivo cada vez mais perseguido, pois permite ao indivíduo sentir-se seguro nesse mundo globalizado (GIDDENS, 2002), e a educação é o elemento essencial para a sua concretização.

A sociedade da informação, então, acaba por alterar as formas de ensinar e aprender, uma vez que modifica a forma como o indivíduo interage com tudo à sua volta. Faz-se necessário repensar a educação, seus objetivos, para que seja possível formar cidadãos capazes não só de utilizar as tecnologias, mas de analisar criticamente a sua utilização, suas linguagens e relacioná-las com a vida cotidiana, possibilitando, destarte, que cada aluno possa constituir a sua própria identidade.

A educação a distância surge no contexto da sociedade da informação como uma alternativa educacional democrática, que tem o intuito de possibilitar o acesso ao conhecimento às pessoas que não podem, por diversos motivos, dentre eles os sociais e econômicos, frequentar uma instituição de ensino; e, porque não dizer, democratizadora, uma vez que, por meio da mediação tecnológica, a educação a distância conduz o aluno à autonomia.

A mediação tecnológica, na educação a distância, é uma alternativa pedagógica, que faz parte de uma “prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento” (PRETI, 1996, p.27). E, de acordo com o Decreto 5.622/2005, a educação a distância é:

(...) a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Assim, a relação professor-aluno não se extingue, apenas se modifica, exigindo do professor e do aluno uma nova postura diante do conhecimento e de suas formas de aquisição. O aluno, então, deixa

---

<sup>1</sup> Acerca desse conceito, sugerimos ler o artigo: **O que é a sociedade da informação**, de Manuel Matos, publicado na Revista Sociedade, Educação e Cultura, n.18, 2002, p.7-23, Universidade do Porto.

de ser apenas o receptor do conhecimento historicamente construído, e passa a ser o construtor do seu próprio conhecimento, por meio das relações que estabelece entre esse conhecimento passado de geração a geração e as novas aprendizagens.

Essa mudança de postura, no entanto, não ocorre de forma imediata, mas processualmente, na medida em que professor e aluno vão se adaptando às ferramentas e instrumentos de ensino e aprendizagem atuais que são proporcionados por esta modalidade. Mas, para que essa aprendizagem ocorra de forma eficaz e eficiente, torna-se essencial não só o uso de instrumentos e ferramentas adequados, mas também a organização de um suporte tecnológico e humano que permita a interação qualitativa entre professor, aluno e conhecimento. Para isso, a educação a distância deve ser entendida na concepção de Lorenzo García Aretio (1994, apud RODRIGUES, 1998, p.1) como:

(...) um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal na sala de aula entre professor e aluno como meio preferencial de ensino pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e o apoio de uma organização e tutoria que propiciam uma aprendizagem independente e flexível.

Então, na educação a distância, é preciso a formação de uma comunidade de aprendizagem, pois, mais importante do que o conteúdo a ser aprendido ou da tecnologia a ser adotada, é a construção do conhecimento feita por meio da mediação de diversos atores, o que leva à autonomia.

Paulo Freire, já na década de 1970, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, defendia um processo educativo emancipatório, autônomo, declarando que:

(1) o homem tem uma vocação ontológica de ser sujeito (que age sobre o mundo e o transforma); (2) todo ser humano, não importa o quanto “ignorante” ou inserido na cultura do silêncio, é capaz de olhar criticamente o mundo num encontro dialógico com os outros; (3) o indivíduo, dotado de instrumentos adequados para esse encontro, pode perceber gradualmente a realidade pessoal e social e também suas contradições, bem como se tornar consciente de sua própria percepção dessa realidade para lidar criticamente com ela (FREIRE apud LAPA, 2005, p.115).

A formação do indivíduo, na perspectiva freireana, ocorre por meio da ação dialógica, ou seja, por meio da dialogicidade coletiva, onde os homens, entendidos por ele como sujeitos no mundo, “exercem seu direito existencial de dizer a sua palavra, em respeito e diálogo com outros sujeitos; visões de mundo são compartilhadas e discutidas, não impostas, em construção coletiva: síntese cultural” (SUTIL; BORTOLETTO; CARVALHO, 2009, p.2).

Giddens (2002) afirma que a “reflexividade” é o exercício constante de análise e reformulação das práticas sociais, ou seja, é uma atividade cotidiana, mas que só pode ser exercida se o indivíduo se compreende como “sujeito no mundo”, capaz de decidir seu próprio destino, como ser autônomo. Assim, a dialogicidade e a reflexividade são os elementos fundamentais para a formação de sujeitos verdadeiramente autônomos, e a educação a distância é a modalidade que possibilita esse processo.

Nesse sentido, para compreender de que forma ocorre o processo de aprendizagem na educação a distância e de que maneira o educador pode levar o aluno a desenvolver a capacidade de reflexividade, a fim de se tornar autônomo, apresentamos o presente estudo.

Descrevemos, portanto, de que forma o processo de globalização altera as formas de pensar e agir dos indivíduos, exigindo deles uma reflexividade constante; a importância das mídias no processo de constituição e de formação da identidade, bem como o papel da mídiatização do conhecimento e da comunicação dialógica para sua efetivação; apresentamos a educação a distância como uma modalidade educacional diferenciada, que está apta a atender às demandas educacionais cotidianas e a proporcionar o desenvolvimento da capacidade de reflexividade no indivíduo, apontando o papel do professor como mediador nessa modalidade de ensino e aprendizagem. Concluímos expondo os diferenciais entre a educação presencial e a distância e alertando para a necessidade de composição de uma equipe gestora capaz de potencializar a autonomia e a independência do aluno.

## A FORMAÇÃO REFLEXIVA DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A globalização, processo iniciado na década de 90, trouxe consigo fenômenos de descontinuidade (GIDDENS, 2002) que alteraram as estruturas sociais e econômicas até então existentes, como a quebra das barreiras entre tempo e espaço e entre o local e o global, o que aproximou culturas e sociedades e reestruturou as identidades individuais e coletivas.

Tais fenômenos fazem parte da chamada sociedade pós-moderna (CANCLINI, 2001), que, diferente das sociedades tradicionais, possui um ritmo de mudança social e econômico frenético, acelerado e, portanto, dinâmico, que transforma, cotidianamente, a maneira como nos vemos e nos comportamos diante do mundo globalizado e nos obriga a reestruturarmo-nos constantemente, a fim de que possamos atender às demandas sociais, culturais, familiares, econômicas e educacionais presentes nesse contexto.

A exigência por uma reestruturação constante acaba por provocar no homem pós-moderno um sentimento de insegurança e medo, o que o torna mais reflexivo, mais fundamentado na razão do que na tradição (uma vez que esta já não mais responde às demandas). É o que Giddens (2002) chama de reflexividade.

Assim, para Giddens (1991, p.39), “(...) a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim seu caráter”.

Ou seja, a reflexividade é mais do que a aquisição de conhecimento, ela é o exercício constante de análise e reformulação das práticas sociais, com base em informações renovadas permanentemente sobre essas mesmas práticas.

Essa busca por cada vez mais conhecimento é, por conta da sua própria dinamicidade, um processo em andamento, no qual o sujeito, gradativamente, se vê livre das tradições para escolher sobre seu destino, pois, para Giddens, é por meio da reflexividade que o indivíduo torna-se autônomo, livre das tradições. Enfim, é por meio da reflexividade que o homem busca por uma certeza, por segurança (GIDDENS, 2002).

No entanto, como não há relação direta entre conhecimento e certeza, e como o conhecimento não é apropriado de forma homogênea por todos os atores sociais, nasce o que Giddens (2002) chama de ‘poder diferencial’, sobressaindo-se melhor aquele com conhecimento diferenciado, ou seja, especializado, pericial.

A escola, neste contexto, para Giddens, se constitui num campo no qual se organizam e produzem reflexividades de caráter diverso, por meio da tradução e contextualização dos conhecimentos especializados, possibilitando, dessa forma, acrescentar conhecimentos especializados àqueles que os indivíduos aplicam nas suas ações comuns.

Destarte, o sistema escolar tem como função potencializar níveis acrescidos de reflexividade, tornando os indivíduos agentes sociais e dotando-os de capacidade racional para analisar as informações que recebem, a fim de conceberem estratégias de atuação que visam transformar, positivamente, as condições de existência em que se encontram (GIDDENS, 1991, 2002, 2003).

Para Giddens (2003, p.11), “os agentes sociais são capazes de atuar de *outro* modo, isto é, são capazes de *intervir* no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas”.

Neste sentido, o papel da escola na formação do homem pós-moderno, na visão de Giddens, amplia-se, não sendo mais apenas a de transmissora das tradições culturais e do conhecimento historicamente adquirido pela humanidade, passando a constituir-se como a potencializadora de capacidades individuais de reflexividade, que despertam o interesse, a consciência individual racional e a ação.

No entanto, não é somente na escola que se difundem as reflexividades. As mídias são um campo de difusão de informação e conhecimento, que funciona numa via de mão dupla, onde tanto o indivíduo alimenta-se da informação, como, por meio de sua prática cotidiana, a produz. É justamente nesse processo que está a reflexividade que as mídias proporcionam.

Porém, Giddens atenta para o cuidado que se deve ter com os fatores que interferem no processo de receptividade das informações difundidas por meio das mídias, como o grau de reflexividade dos indivíduos, a intencionalidade e os processos de elaboração de tais informações. Assim, a possibilidade de cientificidade por meio do uso das mídias, depende muito da capacidade reflexiva dos indivíduos.

Maria Benedita Portugal e Melo (2012, p.3), afirma que:

Em nosso entender, será, portanto, através da interseção e circulação de reflexividades, associadas ao exponencial aumento da circulação de informações propiciada pelos media, que os indivíduos poderão contactar com uma diversidade de experiências socializadoras e aceder a outros recursos cognitivos – desigualmente repartidos – que podem complexificar a sua reflexividade «prática».

Portanto, compreende-se que a reflexividade ocorre por meio da interação, da interrelação de informações, que devem ser proporcionadas não só pela escola, mas também pela mídia. A escola, portanto, não pode e não deve ignorar o poder da mídia no processo de formação reflexiva do indivíduo.

## **O DESENVOLVIMENTO DAS MÍDIAS E O ADVENTO DA INTERNET**

O desenvolvimento das mídias modificou o sentido de pertencimento dos indivíduos, uma vez que estes passaram a ser cosmopolitas, ou seja, cidadãos do mundo. O processo de aquisição do conhecimento, nesse contexto, também se modificou, pois a compreensão do mundo parece ser construída cada vez mais por conteúdos midiáticos.

Esse desenvolvimento das mídias criou o que Thompson (1998) denominou de “historicidade mediada”, o que implica dizer que, mesmo com a tradição oral e com a interação face a face, ainda presentes nas relações sociais e de ensino e aprendizagem, as pessoas cada vez mais chegam ao sentido dos principais acontecimentos através de uma diversidade de mídias, como livros, revistas, jornais, filmes, TV, internet etc.

Isso alterou completamente a relação espaço-tempo (GIDDENS, 2002), tornando-os fluidos, e possibilitando a existência de espaços paralelos: o espaço físico e o virtual. Enquanto o espaço físico limita as relações, impondo barreiras espaciais e temporais, o espaço virtual rompe esses limites relacionais, por meio da separação espaço-tempo. É o que Bauman (1999, p.24) chama de “terceiro espaço cibernético” e Lévy (1998, p.104) designa de ciberespaço:

(...) o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. (...) O ciberespaço designa menos os suporte de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social, por eles propiciados.

Giddens (2002, p.23) declara que “Todos podemos perceber até que ponto a separação de tempo e do espaço é fundamental para o maciço dinamismo que a modernidade introduz nas questões sociais humanas”. Pode-se dizer, então, que a revolução digital atingiu e modificou a maneira de cada indivíduo viver, e de inserir-se no mundo, pois não há, nem na mais remota cidade, um indivíduo sequer que não tenha, em seu cotidiano, a necessidade de utilizar-se das tecnologias.

Lévy (1993, 2001 apud HACK 2011, p.50) afirma que “(...) a rede de computadores subverteu a clássica noção da comunicação de massa em que há um emissor da mensagem e um receptor apenas e ampliou as possibilidades de comunicação mediaticizada do conhecimento”.

Assim, a Internet, bem como, as demais tecnologias digitais amplamente difundidas após a revolução digital, estão intimamente ligadas, intencionalmente ou não, à formação do indivíduo, uma vez que não há meios de conviver no contexto mediaticizado sem o mínimo conhecimento das tecnologias.

As mídias, então, são, na sociedade mediaticizada, produtoras de sentidos sociais, capazes de transformar os modos de convivência e influir na constituição das representações sociais e da formação da identidade dos sujeitos, uma vez que, com a globalização, o conceito de realidade se expande e os conceitos de comunidade, lugar, espaço e tempo se redimensionam, não comportando mais um conceito de identidade cultural estável. É o que afirma Stuart Hall (2003, p.75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e

parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (...), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.

Castells (2004) considera a internet um meio de comunicação de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade em que já vivemos, pois para ele, a internet:

(...) é o coração de um novo paradigma sódotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (Ibid., p.287).

Nesse processo, a internet, associada às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são as responsáveis pelo que Sodré (2002) denomina de fluxo comunicacional, que canaliza as informações, construindo um novo ambiente existencial.

## **A EDUCAÇÃO E A MUDIATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A produção do conhecimento, com o uso da Internet, entrou em um sistema de trocas, de interatividade, onde as pessoas aprendem entre si e produzem diferentes pontos de vista (LÉVY, 1993, 2001 apud HACK, 2011), o que acaba por aflorar e desenvolver, nos indivíduos, as múltiplas dimensões humanas - intelectual, emocional, social, cultural, entre outras – bem presentes nas relações sociais dinâmicas da atualidade.

Tal situação cria, na educação, o que Gadotti (2000) chama de crise dos paradigmas, onde a escola, nessa sociedade da informação, precisa reestruturar-se para atender às novas demandas sociais, considerando os novos modos de aprender e de apreender conhecimentos. Para Gadotti (2000), a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, ou seja, orientar criticamente o aprendiz na busca de informações que levem ao seu desenvolvimento intelectual.

Sampaio e Leite (1999, p.17) afirmam que:

A escola, porém, não pode colocar-se à margem do processo social, sob pena de perder a oportunidade de participar e influenciar na construção do conhecimento social, e ainda de democratizar informação e conhecimento. Hoje, ela precisa trabalhar de acordo com uma perspectiva multi e intercultural e autônoma para adequar-se ao momento pós-moderno que vivemos, como lembra Gadotti.

É preciso, portanto, repensar a educação, diversificando os recursos utilizados, oferecendo novas alternativas para os indivíduos interagirem e se expressarem. Repensar a educação envolve diversificar as formas de agir e de aprender, considerando a cultura e os meios de expressão que a permeiam.

A escola, neste sentido, como espaço social e cultural, deve estar sensível à história e à cultura da comunidade na qual está inserida, agindo para viabilizar a inclusão digital dos seus alunos, com o fim de lhes propiciar a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) apresentam-se, então, como aquelas que “podem favorecer a constituição de uma teia entre a escola e o cotidiano no qual o indivíduo atua, configurando novos caminhos para ele interagir e desenvolver suas constantes compreensões sobre o mundo e sobre a sua cultura” (MARTINSI, 2005, p.2).

Diante dessas constatações e desafios, o uso de mídia em contextos educacionais requer práticas que instiguem novas possibilidades de aprendizagem e a vivência de processos criativos, com diálogos e interações múltiplas.

É o que podemos chamar de “mudiatização do conhecimento”, que, para Hack (2009, p. 31):

(...) é o planejamento, construção e aplicação de múltiplas formas de apresentação de conteúdos através de processos que potencializem a comunicação dialógica e possibilitem ao usuário realizar sua aprendizagem de modo autônomo e independente.



Mas, para que haja a midiáticação do conhecimento, faz-se necessário que os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estejam inseridos e familiarizados com as mídias, a ponto de compreenderem a sua eficácia no desenvolvimento das potencialidades humanas. Acerca disso, Sampaio e Leite (1999, p.19) declaram que:

Existe, portanto, necessidade de transformações do papel do professor e do seu modo de atuar no processo educativo. Cada vez mais ele deve levar em conta o ritmo acelerado e a grande quantidade de informações que circulam no mundo de hoje, trabalhando de maneira crítica com a tecnologia presente em nosso cotidiano. Isso faz com que a formação do educador deva voltar-se para a análise e compreensão dessa realidade, bem como para a busca de maneiras de agir pedagogicamente diante dela. É necessário que professores e alunos conheçam, interpretem, utilizem, reflitam e dominem criticamente a tecnologia para não serem por ela dominados.

Então, para que haja, efetivamente, aprendizagem no processo de midiáticação do conhecimento, torna-se imprescindível a familiaridade tanto do professor quanto do aluno com as tecnologias, o que exige a reestruturação dos currículos escolares, no sentido de que estes devam ser pensados e desenvolvidos de maneira aberta, criativa e renovada (SILVA, 1995), com o intuito de desmistificar a linguagem tecnológica e possibilitar a seus alunos o domínio no seu manuseio, interpretação e criação.

No entanto, num país com dimensões continentais como o Brasil, a educação ainda esbarra em situações díspares, onde, por um lado, boa parte da população, devido a uma série de problemas sociais e econômicos, não tem acesso à escola e nem ao uso das tecnologias, e por outro, uma minoria da população tem acesso e até produz tecnologia de ponta. Sampaio e Leite (1999, p.17) afirmam, então, que:

Diante desse quadro brasileiro, que abriga realidades tão diversas, torna-se necessário pensar em algumas formas de ampliar e democratizar o desenvolvimento; e um dos fatores mais decisivos para que haja oportunidades de desenvolvimento é a produção de conhecimento próprio e sua disseminação popular. Isso só é possível mediante educação, o que a torna relevante em termos políticos e econômicos.

Assim, pensar em formas de democratizar a educação tem sido um dos grandes desafios para os educadores na sociedade tecnológica, como afirma Preti (1996 apud ALVES, 2011, p.84):

A crescente demanda por educação, devido não somente à expansão populacional como, sobretudo às lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido, concomitantemente com a evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos está exigindo mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade.

A educação a distância, mais precisamente a educação online vem de encontro a essa necessidade democratização da educação.

## **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO ALTERNATIVA À DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A globalização é um fenômeno que altera não só a relação espaço-tempo, mas também a constituição das identidades, visto que espaço e tempo são sistemas simbólicos, que interferem em todos os meios de representação que utilizamos (HALL, 2003). Como a cultura é, em sentido amplo, “(...) constituída na dinâmica das representações, crenças, signos, técnicas, hábitos e valores acumulados por indivíduos e coletivos sociais” (BARBOSA, 2004, p.100), podemos dizer que a compressão espaço-tempo altera as identidades e cria novas formas de ações, saberes e fazeres que constituem a cultura.

Uma dessas novas formas de saber e fazer que desponta no cenário é a educação a distância, como modalidade de ensino em que a compressão da distância e a ampliação do tempo de estudos é uma de suas características interessantes. Desta maneira, a educação a distância se torna a modalidade

de ensino adequada à sociedade contemporânea, pois possibilita o acesso ao conhecimento em qualquer tempo e local (MORAN, 1995, apud CORREA, 2007).

A educação a distância permite o “ser sujeito” a partir de sua prática inclusiva, visto que, alcança diferentes culturas e localidades distantes, proporcionando uma educação com qualidade aos mais variados indivíduos, independente de sua classe social.

No Brasil, a educação a distância tem sua história pautada nas políticas públicas de acesso à educação, Desde 1923, com a instalação da Rádio-Escola Municipal do Rio de Janeiro, por Roquete-Pinto (ALVES, 2011), até a atualidade, com o programa Universidade Aberta do Brasil, tem contribuído para o processo de democratização do ensino, especialmente o superior.

Nunes (1994 apud ALVES, 2011) afirma que a Educação a Distância constitui um recurso de incalculável importância para atender grandes contingentes de alunos, de forma mais efetiva que outras modalidades e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação da clientela atendida.

Alves (2011, p.84), concordando com Nunes, declara:

(...) a metodologia da Educação a Distância possui uma relevância social muito importante, pois permite o acesso ao sistema àqueles que vêm sendo excludidos do processo educacional superior público por morarem longe das universidades ou por indisponibilidade de tempo nos horários tradicionais de aula, uma vez que a modalidade de Educação a Distância contribui para a formação de profissionais sem deslocá-los de seus municípios (...).

Apesar das dificuldades já apontadas anteriormente no processo de democratização da educação, bem como no acesso às novas tecnologias, a educação a distância tem ampliado sua abrangência, em função de programas governamentais de acesso ao ensino, como o Programa Universidade Aberta do Brasil, o Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, o Programa Nacional de Formação em Administração Pública, dentre outros.

## **A educação a distância como alternativa à formação reflexiva no processo de aprendizagem**

A educação a distância tem como principal característica a separação física entre professores e alunos no espaço e/ou no tempo. Durante seu percurso histórico, recebeu uma série de definições, que incorrem, todas elas, no modo como ocorre o processo de aprendizagem nessa modalidade, sendo atualmente concebida como conceitua Chaves (1999 apud ALVES, 2011, p.84):

A Educação a Distância, no sentido fundamental da expressão, é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e propõe-se que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador.

Diferente da educação presencial, a educação a distância conta apenas com os recursos midiáticos para que haja interação e aprendizagem, uma vez que a figura do professor está distante e não há transmissão direta de conhecimento. É o que Sebastián Ramos (1990, p.22) chama de relação “mediada e mediata”, pois se vale de meios diversos e diferentes da explicação e a relação cara a cara, que se realiza em momentos e lugares diferentes da presencial, fazendo uso de uma organização de apoio.

O uso de tecnologias de comunicação e informação (TIC) nessa modalidade de ensino é essencial para possibilitar não só a aproximação entre aluno e professor, mas especialmente para garantir o exercício autônomo da aprendizagem. Neste sentido, a educação a distância, para Preti (1996, p.26):

Deve ser compreendida como uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento. É, portanto,



uma alternativa pedagógica que se coloca hoje ao educador que tem uma prática fundamentada em uma racionalidade ética, solidária e compromissada com as mudanças sociais.

Nesse contexto, a concepção de aprendizagem deve ser amparada em uma filosofia que proporcione aos educandos a oportunidade de interagir, desenvolver ideias compartilhadas, reconhecer e respeitar diferentes culturas e construir o conhecimento (Preti, 2005). Trata-se de conceber uma reorganização estrutural que considere as distintas formas de ensinar e aprender, investindo na formação inicial e continuada dos diferentes atores que irão atuar nesta modalidade de ensino.

Como modalidade diferenciada, e como prática educativa, exige pensar em um novo tipo de educador, que deve, de acordo com Hack (2005, p.2), “reconhecer o papel da tecnologia como um recurso de aprendizagem e entender-se cada vez mais como um orientador e cooperador do estudante na construção do conhecimento pela mediação multimidiática”.

O educador, então, deve ter a capacidade de mediar o conhecimento, utilizando-se, para isso, não só das TIC, mas também dos princípios da criticidade, criatividade e contextualização, por meio da potencialização do processo comunicacional, para que se estabeleça uma relação dialógica que incentive o aluno na construção do conhecimento.

Para tanto, o educador deve estabelecer uma interlocução constante com o aluno, por meio das mídias, numa relação bidirecional, ou seja, de mão dupla, num processo comunicacional docente que se constrói a partir da noção de feedback (BERLO, 1999; BONAVERDE, 1998 apud HACK, 2010), que caracteriza-se pela perspectiva de construção participativa do conhecimento, onde o estudante contribui como coautor ativo.

Hack (2010) afirma que o educador, ao mediar de forma multimidiática o conhecimento sem, muitas vezes, poder visualizar, ouvir, ou perceber as reações imediatas do seu aluno, precisa aprender a otimizar a comunicação educativa, a fim de promover a dialogicidade, cumplicidade e afetividade entre os envolvidos no processo de construção do conhecimento a distância.

A comunicação dialógica, portanto, possibilita o rompimento com a prevalência da transmissão monológica dos conteúdos, bem característica da modalidade presencial, transformando o educador em problematizador, que provoca interrogações, promove a formação de equipes de estudo e auxilia o aluno a tornar-se autônomo, reflexivo.

Nessa perspectiva, o educador assume as funções de um maestro, que “mobiliza e orienta a orquestra e está sempre presente, mas a voz e a melodia que escutam são feitas pelos músicos e cantores” (KENSKI apud HACK, 2010, p.122).

Assim, o aluno da educação a distância, quando mediado pelo professor, acaba por assumir o seu próprio percurso de aprendizagem, pois esta valoriza o seu jeito próprio aprender e de se desenvolver, já que a relação tempo-espaço é relativizada. E a reflexividade é exatamente o processo que permite esse desenvolvimento, por meio da dialogicidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pós-modernidade é considerada por Giddens (2002) como a era das incertezas, e muitos autores defendem que houve o surgimento de um novo tipo de sociedade, chamado de sociedade da informação, em que a velocidade das informações rompe as barreiras físicas, e a relação espaço-tempo modifica a forma com que os indivíduos se relacionam social e profissionalmente. A relação com o conhecimento também sofre alterações consideráveis, uma vez que a multiplicidade de artefatos informacionais interfere e até modifica os processos cognitivos.

Pensar a educação midiática é interpretar o papel das mídias na difusão de informação e conhecimento nesse novo contexto, e compreender a importância da formação da capacidade de reflexividade nos indivíduos para que possam analisar criticamente a intencionalidade e os processos de elaboração de tais informações.

Assim, a vida cotidiana suscita do indivíduo que ele tenha capacidade de “buscar dados e informações para, em seguida, promover a contextualização, seleção e relação entre tudo aquilo que, abundantemente, as mídias lhe oferecem” (RANGEL, FREIRE, 2012, p.13).

A educação presencial, na maioria das vezes, ainda está presa a um modelo instrucionista, e tem na figura do professor o único detentor do conhecimento, cuja relação de ensino-aprendizagem ocorre sempre de forma hierárquica, não havendo, portanto, interação nem dialogicidade. Além disso, o uso das tecnologias, nessa modalidade, é opcional ao professor, não sendo estas reconhecidas como elementos constitutivos das novas formas de conceber o conhecimento. Neste sentido, a educação presencial está inapta ao desenvolvimento da capacidade reflexiva dos seus alunos, uma vez que desconsidera “os processos de comunicação que hoje dinamizam a sociedade” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p.58).

A educação a distância, como modalidade educativa, apresenta-se hoje não só como uma alternativa à democratização do ensino no Brasil, especialmente no que tange ao ensino superior, mas também como apta a atender às necessidades de aprendizagem que o contexto contemporâneo exige, uma vez que traz em sua própria organização e constituição uma série de diferenciais em relação à educação presencial.

Um dos mais significativos diferenciais que a educação a distância apresenta em relação à educação presencial é o de proporcionar ao aluno o uso das tecnologias e das mídias como instrumentos potencializadores da aprendizagem, uma vez que estas são os elementos que estabelecem a relação professor-aluno. Dessa forma, é o aluno que constrói seu próprio percurso formativo, o que o leva à autonomia.

O desenvolvimento da capacidade de reflexividade se dá, portanto, na relação crítica que o aluno, orientado pelo professor, estabelece com as mídias, em situações de aprendizagem e cotidianas, onde a dialogicidade é a linguagem potencializadora do processo comunicacional.

Assim, utilizando-se dos princípios da criticidade, criatividade e contextualização, a educação a distância leva os alunos a aprenderem a compreender e a interpretar os diferentes contextos e culturas, pois por meio do uso das tecnologias e das mídias, há uma ampliação dos horizontes de acesso não só ao conhecimento, mas também aos diversos territórios culturais.

A reflexividade, então, nos termos de Giddens (2002), nesse processo de aprendizagem, se torna rotineira, considerando que, o indivíduo, inserido e familiarizado com um contexto rico de sistemas de informação, examina e reformula suas práticas constantemente, à luz da razão e da criticidade, e não mais da tradição.

Analisamos, então, que a educação a distância é a modalidade potencializadora do desenvolvimento da capacidade de reflexividade do indivíduo, pois, por meio de suas características específicas e diferenciadas, lhe oferece condições de analisar e interagir criticamente no contexto midiático que o cerca. No entanto, para efetivar-se exige uma gama de ações estratégicas que devem ser executadas pelo professor, que, munido de conhecimentos acerca das especificidades dessa modalidade, das TIC, do processo de construção do conhecimento, bem como capacitado para interagir de forma significativa, possa impulsionar o desenvolvimento das capacidades cognitivas necessárias ao processo de aprendizagem midiática.

## **AGRADECIMENTOS**

Bolsa de Produtividade em Pesquisa BEPP-00013/16 – Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão - FAPEMA

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem Aberta a Distância, vol. 10, 2011.

BARBOSA, Jorge Luiz. Considerações sobre a relação entre cultura, território e identidade. In: GUELMAN, Leonardo; ROCHA, Vanessa. (Orgs.) Interculturalidades. Niterói, EDUFF, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, regulamenta o art. 80 da Lei nº 9394/96. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de. (org) Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. O poder da identidade. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORRÊA, Juliane (org.). Educação a Distância: orientações metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf> Acesso em: 21 jul. 2015.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HACK, Josias Ricardo. Introdução à educação a distância. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. Comunicação dialógica na educação superior a distância: a importância do papel do tutor. Signo y Pensamiento 56 – Eje Temático, vol. XXIX, enero – junho 2010. Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/issue/view/260>. Acesso em: 21 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Conhecimento mediado no ensino superior a distância: uma proposta de ação. 2005, Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/036tcb3.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Gestão da educação a distância. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAPA, Andrea Brandão. A ação dialógica na educação a distância. Revista Tecnológica e Sociedade, n. 6, primeiro semestre de 2008.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MARTINSI, Maria Célia. Situando o uso da mídia em contextos educacionais. Formação Continuada Mídias na Educação, Etapa 2, módulo 1. Disponível em: [http://www.neaad.ufes.br/subsite/midiaseducacao/pdf/etapa2\\_1\\_situando\\_usoMídias\\_Beth.pdf](http://www.neaad.ufes.br/subsite/midiaseducacao/pdf/etapa2_1_situando_usoMídias_Beth.pdf) Acesso em: 21 jul. 2013.

MATOS, Manuel. O que é a sociedade da informação. Revista Sociedade, Educação e Cultura, Universidade do Porto, n.18, 2002, p.7-23.

- PRETI, Oreste. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: \_\_\_\_\_.(Org.). Educação a Distância: início e indícios de um percurso. Cuiabá: UFMT, 1996.
- \_\_\_\_\_. (org). Educação a distância: construindo significados. Brasília: Liber Livro, 2005.
- RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel. Educação com tecnologia: texto, hipertexto e leitura. Rio de Janeiro: Wack Editora, 2012.
- RODRIGUES, Ana Maria da Silva; OLIVEIRA, Cristina M. V. Camilo de; FREITAS, Maria Cristina Vieira de. Globalização, cultura e sociedade da informação. Perspectiva, ciência e informação, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 97 - 105, jan./jun.2001
- RODRIGUES, Rosângela Schwarz. Conceitos e Fundamentos: Trechos de Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, maio de 1998. Disponível em: [http://www.escolanet.com.br/sala\\_1eitura/conc\\_fundam.html](http://www.escolanet.com.br/sala_1eitura/conc_fundam.html) Acesso em 21 jul. 2015.
- SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Lígia Silva. Alfabetização tecnológica do professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SEBASTIÁN RAMOS, Araceli. Las funciones docentes del professor de la UNED: programación y evaluación. Madrid: ICE/UNED, 1990.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa perspectiva pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs).Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SODRÉ, Muniz. O ethos mediatizado. In: Antropológica do Espelho. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SUTIL, Noemi; BORTOLETTO, Adriana; CARVALHO, Lizete Maria Orquiza de. Ação dialógica e comunicativa: a formação de professores de física sob a perspectiva das negociações. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009. Anais... Florianópolis, UFSC, 2009.

## MINIBIOGRAFIA

### Luiza Carvalho de Oliveira ([luiza.ufma@gmail.com](mailto:luiza.ufma@gmail.com))



Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (2005), é especialista em Educação a Distância e em Psicologia Educacional, é mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é pedagoga do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Tem experiência nas áreas de Gestão, com ênfase em Gestão de Pessoal e Educacional, Avaliação Institucional e de Cursos, elaboração de projetos, execução de programas educacionais e pesquisa educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino Superior, aprendizagem, avaliação, educação, erro, dificuldade de aprendizagem, educação especial e educação a distância.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3002049242487940>

### João Batista Bottentuit Junior ([jbbj@terra.com.br](mailto:jbbj@terra.com.br))



Doutor em Educação com área de especialização em Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho (2011), Mestre em Educação Multimídia pela Universidade do Porto (2007), Tecnólogo em Processamento de Dados pelo Centro Universitário UNA (2002). É Especialista em Docência no Ensino Superior pela PUC-MG (2003), Engenharia de Sistemas pela ESAB (2010) e Educação a Distância pelo UNISEB (2015). É professor Adjunto III da Universidade Federal do Maranhão, atuando no Departamento de Educação II, é também Professor Permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Acadêmico) e Gestão de Ensino da Educação Básica (Mestrado Profissional). Bolsista de Produtividade em Pesquisa pela FAPEMA e avaliador de cursos de graduação presenciais e a distância do MEC/INEP.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4828197220419425>